

Chamada de trabalhos

As novas formas da imagem sobre atualidade
Fotografias, infografias, cartografias

Data da publicação da chamada: 15 de novembro de 2011 - Data de encerramento da chamada: 15 junho 2012

Coordenadores : Annelise Touboul et Jean-François Tétu
annelise.touboul@univ-lyon2.fr - Jean-Francois.Tetu@univ-lyon2.fr

Desde que as imagens são reproduzidas, a informação não deixou de se utilizar de uma dimensão mais visual, para além de variações no formato de texto e no processo de diagramação. Se, de fato, a diagramação e a tipografia, desde o final do século XVIII, produziram “efeitos de texto”, foi apenas mais tarde que o sentido da visão propriamente dito passou a ser mobilizado com fins de informar. Sem fazer uma revisão histórica dos modos de representação da realidade, é interessante sublinhar que as formas que se sucedem ao longo dessa histórica jamais eliminaram tais precedentes, mesmo que eles tenham sido fortemente reduzidos. As ilustrações foram, no início, utilizadas para mostrar o evento, mostrar como o discurso foi produzido, quer dizer, expressar olhares sobre a atualidade, seja para demonstrar apologia, seja para demonstrar desacordo. A fotografia ajudou na compreensão do real e facilitou a proximidade com eventos distantes, a ponto de construir uma consciência visual planetária.

A fotografia introduziu uma ruptura maior: a “certificação de presença” que ela oferece, o fato de “ratificar o que ela representa”, como escreve R. Barthes. É por isso que, desde o fim do século XIX, a ilustração reforçou o “realismo” que resultou no período áureo do fotojornalismo durante a maior parte do século XX, bem como o motivo central do sucesso da informação televisiva. O fotojornalismo, responsável pela idade de ouro das revistas de informação, atribuiu um papel específico ao retrato, que evoluiu consideravelmente, sobretudo na *imprensa rosa*, tornando o *paparazzi* uma figura incontornável e também polêmica, quando considerado o contexto da cobertura sobre celebridades. Em suma, a fotografia se construiu em contraposição à ideia platônica em que os ídolos da caverna são sombras e que a percepção pelos sentidos é enganosa. O uso e a recepção da fotografia como prova de uma informação desmente Plantão; além disso, permite sua utilização como forma de testemunho. Esses dois casos remetem ao uso da imagem, seja para a censura, seja para a propaganda.

O aumento da infografia na mídia introduziu um novo elemento nesse contexto, e reinsere na ilustração os “códigos” nos quais a fotografia parece ter sido desprovida, se constituindo, de forma abstrada, de “dados” mais gerais que se agregam ao particularismo da fotografia. Ao mesmo tempo, agrega ao “verismo¹” da fotografia o pertencimento ao campo da verdade científica (frequentemente estatística), da informação sobre o estado do mundo. A digitalização permitiu uma construção mental e instrumental do universo no qual testemunham seus usos científicos e militares na qual a informação se prende, e não apenas quando permite modelizar um tornado ou um tsunami, ou ainda avanços na medicina sobre o conhecimento de células vivas. O formato digital conduziu a uma redefinição dos usos da imagem na informação.

¹ O TERMO FAZ REFERÊNCIA À CORRENTE LITERÁRIA ITALIANA SURGIDA NO FINAL DO SÉCULO XIX, BASEADA EM PRINCÍPIOS REALISTAS E QUE NASCE SOBRE FORTE INFLUÊNCIA DO POSTIVISMO.

A digitalização da imagem, há cerca de 20 anos, alterou profundamente a paisagem e o papel da ilustração noticiosa em várias direções:

- Os usos e a circulação das imagens fotográficas produzidas pelas fontes e os públicos da mídia, a difusão imediata em dispositivos móveis de uma produção que se tornou exclusivamente digital interrogam constantemente os profissionais do fotojornalismo, das agências aos fotógrafos e ilustradores.

- A infografia, desenvolvida no final dos anos 1980, sofreu um crescimento súbito, seja em situações não-fotografáveis (da Guerra do Golfo ao acidente da central nuclear de Fukushima), seja como suporte de uma análise jornalística da atualidade, política ou eleitoral (painéis, mapas), econômica (gráficos), social (curvas de desemprego), etc. Na Web, a infografia se enriqueceu das potencialidades do multimídia, permitindo produzir imagens animadas e interativas que aliam a demonstração técnica à fabricação de uma inteligibilidade.

- A publicização de dados pelo *data journalism*, que propõe cartografias animadas nos sites web, recentemente tem sido valorizada pelos editores on-line. Esse trabalho consiste essencialmente em uma tradução, sob o formato de imagens, de “dados” disponibilizados ao público com um breve comentário (exemplos: publicação pelo *The Guardian* das contas dos políticos britânicos, ou de informações sobre a criminalidade no *Chicago Tribune*); ou ainda com uma preocupação em dar visibilidade a dados públicos austeros e complexos, úteis ao cidadão; ou, finalmente, como um substituto de uma informação geral julgada inexata, parcial, ou mentirosa (exemplo: representação da crise social na França, composta de mapas sociais, publicados no *Médiapart*).

Orientação do dossiê

A imagem sempre foi associada ao texto (ou ao comentário sonoro) por ilustrar e informar. Contudo, atualmente, para além da questão das formas que evoluem, dos múltiplos papéis da imagem, e dos usos que moldam, doravante, a utilização da internet e da web 2.0, este dossiê pretende interrogar as modalidades de figuração do mundo propostas/impostas pelas representações visuais da atualidade. Várias questões se colocam:

- Sob o nome de quais princípios a informação desenvolve imagens que se impõem, se opõem ou coexistem: ilustrações ou informação, “mostração”², designação, explicação, demonstração ou denúncia? Em uma palavra, quais são os princípios do uso da imagem no jornalismo? Por outro lado, existem imagens impossíveis, ou proibidas; enfim, no nome de quê se censura a imagem? Ou se publica?

- Entre o “realismo” da imagem analógica, a “objetividade” e a pedagogia da infografia, e a “crítica” da caricatura, que papéis as imagens de informação desempenham junto ao público? Seria o reforço de representações ou cenários estereotipados ou a diversificação de pontos de vista sobre a atualidade? Existem formas dominantes ou privilegiadas de representação da atualidade e quais efeitos de sentido elas são suscetíveis de produzir?

- Qual o impacto do tempo e da circulação das imagens na vida social? Qual o objetivo de publicar, em um veículo semanal, fotografias de eventos já vistos e revistos? Essa decalagem temporal, mesmo que pequena, produz um estranho efeito de sentido: se a fotografia publicada imediatamente parece remeter a apenas uma parte do evento, um extrato, a fotografia publicada mais tarde parece possuir uma referência mais ampla e definir o conjunto do acontecimento. A circulação de imagens (e suas eventuais transformações) parece ser a fonte de seu poder simbólico (como napalm no Vietnã, na praça Tien-An-Men). Por que essas reprises? Que recursos são favorecidos pelos diversos tipos de imagens publicadas na mídia? Que modificações a web introduziu no ecossistema midiático?

Essas três interrogações remetem evidentemente a três lugares possíveis de interpretação: a significação pretendida pelo autor/editor; a significação da obra em si e todas as suas possibilidades; a

² NO ORIGINAL “MOSTRATION”, NEOLOGISMO FRANCÊS QUE DESIGNA A FORMA DISTANTE, « DESENAGAJADA », FRIA UTILIZADA PELA FOTOGRAFIA PARA MOSTRAR AS PESSOAS E AS COISAS.

significação produzida pelo leitor/espectador. Compreende-se que essas interrogações remetem igualmente às escolhas científicas que podem privilegiar os problemas da enunciação editorial e as interações que ela possibilita, da sociologia da leitura ou da recepção, da interculturalidade, do universo mundializado, da representação do poder e das lutas que ela comporta, etc. Enfim, a circulação atual das imagens e sua profusão conduzem a um estudo de atualidade. Mas uma abordagem sobre um período mais distante de tempo também pode ser proposta.

Submissão por e-mail, textos de 30 a 50 000 caracteres (com espaço), até o dia 1 de abril de 2012. Os textos poderão ser redigidos em português, inglês, francês e espanhol.

Solicita-se manifestar junto aos coordenadores o interesse de participar do dossiê até o dia 15 de dezembro: annelise.touboul@univ-lyon2.fr - Jean-Francois.Tetu@univ-lyon2.fr

Método de avaliação cega pelos pares. Os artigos propostos devem constar de um referencial teórico, uma metodologia de pesquisa e um material de análise.

A revista *Sobre jornalismo – About Journalism – Sur le journalisme*

...é um **local de encontro** de diferentes tradições e interesse de pesquisa de realidades históricas distintas. Os estudos em jornalismo têm se estruturado a partir de epistemologias, de abordagens e de metodologias que moldam as produções científicas nacionais e os contextos lingüísticos. A Revista garante a repercussão das práticas e dos resultados das produções científicas nacionais a partir de um posicionamento marcadamente internacional. Em um contexto de mundialização e de homogeneização relativa dos sistemas midiáticos e das práticas jornalísticas, o periódico *Sobre o Jornalismo* traz um olhar sobre as convergências e resistências das culturas jornalísticas e científicas.

A revista é um **espaço** dedicado à **ciência**. Conduzida por um comitê editorial (de quatro editores) encarregado de facilitar essas trocas, conta com o trabalho coletivo de conselhos científicos compostos de pesquisadores europeus, latino-americanos e norte-americanos. Os membros desses conselhos são personalidades reconhecidas pela qualidade de suas pesquisas e pelo olhar internacional e interdisciplinar sobre os trabalhos realizados no campo do jornalismo.

A revista é serve como **trampolim** para a publicação de trabalhos inovadores, de olhares transdisciplinares e de pesquisas produzidas por estudantes de pós-graduação. Publicada em versão impressa e on-line, será constituída de dossiês temáticos em torno de problematizações precisas, com o objetivo de difundir resultados originais do ponto de vista teórico e/ou metodológico. Resultados de pesquisas de mestrado, relatórios de estudos científicos, notas de campo e de corpus também encontram espaço de difusão na revista.

O periódico é um **espaço de encontro** de demandas, olhares e de pesquisadores que encontram na publicação um local estímulo á produção científica.

Editores :

François Demers (Université Laval, Canadá), Florence Le Cam (Université Libre de Bruxelles, Bélgica), Fabio Pereira (Universidade de Brasília, Brasil), Denis Ruellan (Université de Rennes 1, França).

Membros dos conselhos científicos:

Jean de Bonville (Université Laval, Canadá), Jean Charron (Université Laval, Canadá), Rogério Christofolletti (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil), João Canavilhas (Universidade Beira Interior, Portugal), Béatrice Damian-Gaillard (Université de Rennes 1, França), Javier Diaz-Noci, (Universidad Pompeu Fabra- Espanha), Kênia Beatriz Ferreira Maia (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil), Gilles Gauthier (Université Laval, Canadá), Valérie Jeanne-Perrier (Université Paris-Sorbonne, França), Eric Lagneau (Docteur, França), Sandrine Lévêque (Université de la Sorbonne, França), Claudia Mellado (Universidad de Santiago, Chile), Pedro Santander Molina (Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, Chile), Erik Neveu (IEP de Rennes, França), Véronique Nguyen-Duy (Université Laval, Canadá), Dione Oliveira Moura (Universidade de Brasília, Brasil), María Laura Pardo (Universidad de Buenos Aires, Argentina), Mauro Pereira Porto (Tulane University, EUA), Franck Rebillard (Université Paris 3, França), Rémy Rieffel (Université Paris 2, França), Viviane Resende (Universidade de Brasília, Brasil), Roselyne Ringoot (IEP de Rennes, França), Eugénie Saïtta (Université de Rennes 1, França) Lia Seixas (Universidade Federal da Bahia, Brasil), Jean-François Têtu (IEP de Lyon 2, França), Annelise Touboul (Université de Lyon 2, França), Jean-Michel Utard (Université de Strasbourg, França), Adeline Wrona (Université Paris-Sorbonne, França).

<http://www.surlejournalisme.com>